



UNILAB COMO TERRITÓRIO DE REEXISTÊNCIA: EDUCAÇÃO, IDENTIDADE E DESCOLONIZAÇÃO DA MENTE

Manuel Armando¹
Elisabete Carlos Da Silva Comboio²
Nordine Abudo Ussene³
Lidia Lima Da Silva⁴

RESUMO

As mentes africanas, não no seu todo, estão numa condição ou situação social, sobretudo mental, a qual desconhecem da sua própria realidade. Assim, o objetivo deste trabalho é elucidar como a reafrikanização e descolonização da mente abre um leque de novas mundivisões, ou seja, o sujeito começa a entender e compreender sua situação de colonizado condicionado pelo sistema colonial e hoje, o neocolonialismo que torna mais dormente a mentalidade. Inegavelmente, o racismo sistêmico, o preconceito e os estereótipos para com o africano, são questões que levam a ideia de complexo de inferioridade. Parte-se da noção de que, pós-independência, quase todos Estados-nação não se reestruturam, ou seja, se herdou padrões de estilo de vida, instituições educacionais e religiosas, língua, estrutura social etc., do regime colonial. Decerto, essa adoção de modos de operar do colono, condicionou ao fracasso de reafrikanização e tardou na descolonização mental. Com isso, a cegueira da educação visual acontece pela história mal contada sobre África e africanos(as) pelo Ocidente a qual enfatiza uma história única em que único caminho do passado foi a escravidão, colonização e civilização, ocultando todas atrocidades, barbaridade, matanças, epistemicídio de um povo, cultura, modo de vida, religiosidade e espiritualidade. Sem dúvida, nos dias atuais a “religião” e a educação ocidentalizada são um dos grandes motores de visão limitada e não crítica. Consoante os apontamentos, observa-se a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como norteadora de reafrikanização e descolonização mental, isto é, por ser uma instituição fora dos moldes conservadoras ou ocidental, pois, é lugar em que se contraria a cosmovisão europeia de que tudo partiu de lá para o resto do mundo, não só, ressignifica o(a) negro(a) seja africano(o) ou afro-diaspórico, os conhecimentos e saberes ancestrais, a cultura, religião africana e afro-brasileira. Nesse contexto, a mente africana que estiver neste espaço de privilégio, como estudante passa por um processo de reafrikanização, a qual é posto a reconhecer e perceber valores africanos na busca de uma identidade e expressão da realidade da anterioridade e contemporânea africana. Ademais, se vê numa condição de descolonização, onde passa a se reconhecer como negro(a), a compreender a essência da sua africanidade e cultura, na tentativa desse sujeito acordar da colonização que o torna vulnerável atualmente, porque quanto mais colonizado for mais explorado, roubado e matado torna-se fácil do neocolonialismo e necropolítica do Norte Global e das elites locais dos países africanos. Dessa forma, com a desconstrução da mente, o indivíduo desperta no mundo político, econômico e sociocultural etc., das questões que perpetuam na geopolítica local, regional e global dos diversos tipos de colonialismo e colono, como a mídia, as redes sociais, as empresas petrolíferas e mineiras na África que só se importam pelo capital econômico e exploração massificada das massas. Em síntese, a mente reafrikanizada e desconstruída é capaz de tecer críticas, nos estudos a partir de análises, de modo, a se aprofundar da sua realidade, da existência real das suas ciências, de ser livre e independente, para evitar cair na exclusão da história única e filosófica.

Palavras-chave: Reafrikanização; Descolonização; Desconstrução; UNILAB.

UNILAB, IHL - MALÊS/BA, Discente, manuelarmando84d@gmail.com¹

UNILAB, IHL - MALÊS/BA, Discente, elisabetecomboio28@gmail.com²

UNILAB, IHL - MALÊS/BA, Discente, nordinemoz.unilab@gmail.com³

UNILAB, IHL - MALÊS/BA, Docente, lidia.limadasilva@unilab.edu.br⁴